

A ÉTICA CRISTÃ CAVALEIRESCA EM A *DEMANDA DO SANTO GRAAL* (SÉCULO XIII)

Leandro dos Santos Ferreira¹

RESUMO

Este artigo analisará a ética cristã compreendida na novela de cavalaria religiosa medieval *A Demanda do Santo Graal*. Na primeira parte, a obra será situada em seu tempo, através de seu contexto histórico, o século XIII, e através do pensamento cristão ocidental desse período. Na segunda, será explicitada a história do Santo Graal e demonstrada a compreensão da narrativa da obra até chegar ao texto em língua portuguesa. Na terceira, a ética mundana de maus cavaleiros será exposta bem como seu fracasso na demanda do Graal em consequência de suas desvirtudes. Na quarta, relatando a ética cristã dos cavaleiros de Cristo, os cavaleiros dignos que alcançam o Graal serão apontados através das virtudes e dos exemplos de bons cavaleiros.

PALAVRAS-CHAVE: IDADE MÉDIA, CRISTIANISMO MEDIEVAL, LITERATURA MEDIEVAL, ÉTICA CRISTÃ, NOBREZA E CAVALARIA

ABSTRACT

This article will analyze the Christian ethics understood in the medieval religious chivalric novel *A Demanda do Santo Graal*. In the first part, the report will situate the time of the novel, through its historical context, the thirteenth century, and through the Western Christian thought of that period. In the second, the text will explain the history of the Holy Grail and the understanding of the narrative of the novel until reaching the Portuguese text. In the third, the article will expose the worldly ethics of bad knights as well as their failure in the quest for the Grail because of their depravities. In the fourth, reporting the Christian ethics of the knights of Christ, the essay will point out the worthy knights who reach the Grail through the virtues and examples of good knights.

KEY WORDS MIDDLE AGES, MEDIEVAL CHRISTIANITY, MEDIEVAL LITERATURE, CHRISTIAN ETHICS, NOBILITY AND KNIGHTHOOD

1 O CONTEXTO HISTÓRICO DA OBRA – O SÉCULO XIII

As fontes escritas utilizadas para a pesquisa histórica estão sempre inseridas e foram sempre produzidas em uma determinada época, de modo que não estão desarmonizadas com o seu século. Sendo assim, para compreendermos uma obra historicamente, é preciso compreender seu contexto histórico.

¹ Pós-graduado em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro, Licenciado em Letras - Português e Espanhol pela Faculdade Lusófona do Rio de Janeiro, Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e estudou História na UFF.

A obra estudada neste artigo, *A Demanda do Santo Graal*, foi produzida no século XIII, sendo uma novela de cavalaria. Antes de analisar a ética cristã dos cavaleiros expressa nela, faz-se necessário uma breve observação histórica do século em questão no ocidente medieval e uma breve verificação do pensamento cristão ocidental à época.

1.1 O “Grande” Século XIII

O século XIII é de suma importância na Idade Média Ocidental. É um século de profundas transformações sociais, econômicas, religiosas e intelectuais. Por essa razão, tal século foi definido como tendo sido o “grande” século medieval. Neste sentido, o historiador Jacques Le Goff afirma que:

O século XIII é considerado como o apogeu do Ocidente medieval. Sem sacrificar a essa problemática contestável, de apogeu ou de decadência, é preciso dizer que o século XIII foi o século em que se afirmaram a personalidade e a força nova da cristandade realizadas durante os séculos precedentes. É também o momento em que se impõe um modelo que pode ser chamado, numa perspectiva de longa duração, de europeu.²

De forma semelhante, Justo González expõe que: “O século 13 foi o período de ouro da Idade Média.”³ Le Goff, em outro de seus livros, confirmando o valor desse século, nomeia o capítulo três da obra, que trata do século XIII, como “A Formação da Cristandade.”⁴ Os termos “grande” e “apogeu” (utilizados por Le Goff), assim como “período de ouro” (indicado por González) são utilizados para ilustrar a relevância desse século para a cristandade e para a Europa ocidental. Não seria possível, entretanto, abordar aqui todas as características desse valioso tempo. Portanto, serão expostos os desenvolvimentos das cidades, do comércio, das universidades, da literatura, da arquitetura cristã e da cristandade de uma forma geral. E essa exposição será sintetizada.

Em primeiro lugar, observa-se um intenso desenvolvimento urbano nesse período. Le Goff intitula o capítulo cinco de seu livro *Raízes Medievais da Europa Ocidental*, falando do século XIII, como “A bela Europa das cidades...”. O ocidente europeu medieval vai deixando de ser rural – que era a situação majoritária na Alta Idade Média – e vai se tornando urbano. É nas cidades do século XIII que ocorrerão os desenvolvimentos econômico e intelectual e, a

² LE GOFF, Jacques. *As Raízes Medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007, p.143.

³ GONZÁLEZ, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão: de Agostinho às vésperas da Reforma*. vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p.211.

⁴ LE GOFF, Jacques. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2005, p.57.

afirmação da cristandade através das construções das catedrais e pregação dos monges das ordens mendicantes.⁵

Outra característica do período medieval da obra analisada é o desenvolvimento do comércio. Le Goff alega que há um êxito comercial e que a Europa dessa época é a de mercadores. Assim declara o historiador francês: “O século XIII é o século das cidades e também, por outro lado, de uma maneira estreitamente ligada ao desenvolvimento urbano, o século do despertar e do progresso comercial.”⁶

Observa-se ainda o desenvolvimento das universidades, atrelado ao desenvolvimento urbano e comercial. Os centros universitários estão nas cidades. A produção intelectual torna-se intensa e há pensadores cristãos que se destacam (abordaremos essa questão no próximo subtópico). Le Goff discorre: “O século XIII europeu das cidades e do comércio foi também, e sempre no contexto urbano, o século da Europa escolar e universitária.”⁷

O desenvolvimento da literatura é outra marca do século XIII. Até antes dessa época, os textos eram escritos principalmente em verso. Surge uma inovação: a escrita em prosa como substituta da poesia em versos, uma vez que “O século XIII substituiu a poesia original pela prosa, como escrita literária principal”⁸. Os textos literários passam então a ser escritos em prosa, e até mesmo as canções de gesta, que eram anteriormente escritas em verso⁹, começam a ser produzidas em prosa. Assim, as histórias foram adaptadas ao novo estilo literário, a exemplo de *A Demanda do Santo Graal*, que foi o primeiro texto em prosa da língua portuguesa. Segundo Le Goff este fato foi, “no âmbito da literatura, um acontecimento que pesaria sobre o universo literário europeu até hoje.”¹⁰

Não se pode deixar de mencionar outra marca do “grande” século XIII: as construções arquitetônicas da arte gótica, especialmente marcada nas catedrais que, segundo González, foram as “obras-primas” deste estilo artístico que se relacionava, inclusive, à teologia do século 13:

Foi o tempo em que os grandes pináculos das catedrais góticas se elevaram ao céu [...] A arte gótica, com sua inspiração de subir a alturas inacessíveis, serve para salientar algumas características da teologia do século 13. [...] embora as primeiras manifestações da arquitetura gótica tenham aparecido em conventos e mosteiros, suas grandes obras-primas foram as catedrais.¹¹

⁵ Para estudo aprofundado sobre as cidades do século XIII consultar as obras do historiador francês Jacques Le Goff: *As Raízes Medievais da Europa e A Civilização do Ocidente Medieval*. Vide Bibliografia.

⁶ LE GOFF, Jacques. *As Raízes Medievais da Europa*, p.161.

⁷ *Ibid.*, p.173.

⁸ *Ibid.*, p. 196.

⁹ *Ibid.*, p. 195.

¹⁰ *Ibid.*, p. 195.

¹¹ GONZÁLEZ, Justo L., *op. cit.*, p.211.

As catedrais góticas, situadas nas cidades e resultantes do êxito comercial, expressam o pensamento cristão ocidental do século XIII, assim como as mudanças de seu contexto. E a obra literária utilizada como fonte histórica desta pesquisa foi produzida justamente nesse contexto histórico medieval¹². Certamente pode-se apreender questões medievais ocidentais ao ler *A Demanda*, refletindo seu contexto cultural e social. Porém, por se tratar de uma novela de cavalaria cristã, torna-se relevante verificar o pensamento cristão ocidental do século, a fim da obra ser percebida como um reflexo deste.

1.2 O pensamento cristão ocidental do século XIII

O “grande” século XIII é um período de pensamento cristão característico. Paul Tillich, escrevendo sobre o pensamento cristão medieval, afirmou que “o século treze é o mais importante da Idade Média.”¹³ Sendo assim, pode-se perceber a importância de *A Demanda do Santo Graal*, a qual foi influenciada por esse contexto e ao mesmo tempo expressa esse pensamento cristão ocidental.

Há, porém, diversas vertentes desse pensamento cristão, uma vez que o contexto apresentava inúmeras concepções teológicas. Apesar de sua importância teológica, não abordaremos aqui a Escolástica, as filosofias de Aristóteles, as filosofias árabe e judaica e nem a tradição agostiniana desse século; também não serão abordados teólogos como Tomás de Aquino e outros. Limitaremos a abordagem desse pensamento cristão às ordens mendicantes, relacionadas a todos estes elementos, assim como às mudanças sociais e econômicas do século XIII, tendo se desenvolvido especialmente nas cidades. Essa opção se deve à questão de *A Demanda* narrar eremitas, monges, conventos, ermidas, mosteiros e evidenciar os valores cristãos dos monges na busca pelo Graal. Le Goff argumenta sobre essas ordens e o contexto histórico da obra estudada:

O século XIII das cidades, dos mercadores, das universidades, das literaturas vernáculas sofreu também a ação, de duração europeia muito longa, de religiosos de um tipo novo: as ordens mendicantes, sendo que os principais foram os Pregadores ou dominicanos e os Menores ou franciscanos.¹⁴

As ordens mendicantes dos dominicanos e a dos franciscanos influenciarão o pensamento cristão desse período através de sua pregação e obras de caridade, direcionando a cristandade a

¹² Para estudo aprofundado sobre o século XIII consultar as obras do historiador francês Jacques Le Goff: O capítulo cinco de *As Raízes Medievais da Europa* e o capítulo três de *A Civilização do Ocidente Medieval*. Vide Bibliografia.

¹³ TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. 2.ed. São Paulo: ASTE, 2000. p.186.

¹⁴ LE GOFF, Jacques. *As Raízes Medievais da Europa*, p.198.

vivenciar os valores do Céu no seu cotidiano e a se preocupar com sua salvação.¹⁵ Le Goff sustenta: “No século 13 os líderes espirituais – dominicanos e franciscanos – se instalam nas cidades e, das cátedras de suas igrejas e das universidades, governam as almas.”¹⁶

O historiador André Vauchez exprime que há uma mensagem espiritual vivida e anunciada pelas ordens mendicantes. Os franciscanos, segundo o autor, possuem uma espiritualidade mais utópica, dispendo de uma vida pobre e errante na mesma medida de Cristo e dos apóstolos. Esses monges procuram experimentar uma vida de igualdade com os leigos. Sua espiritualidade é marcada por adoração a Deus e serviço aos pobres. É, igualmente, uma espiritualidade cristocêntrica, com grande ênfase na paixão redentora de Cristo.¹⁷ Paul Tillich acrescenta que os franciscanos enfatizam a experiência pessoal e perseguem uma vida ativa e, do mesmo modo, uma contemplativa.¹⁸

Por outro lado, os dominicanos abordavam em sua mensagem questões doutrinárias mais complexas. E davam grande ênfase à pregação, sendo chamados por isso de “Irmãos Pregadores”. André Vauchez destaca que esses monges são transmissores da fé cristã através da palavra, com uso da inteligência e pregando uma vida segundo o Evangelho para encontrar Deus.¹⁹

Apesar das diferenças entre os Irmãos Menores e os Irmãos Pregadores, ambas as ordens mendicantes ensinam e pregam uma espiritualidade de busca e encontro da salvação. Da mesma forma, ensinam e pregam que a prática dos valores cristãos – como por exemplo a caridade, a santidade, a piedade religiosa – é o meio para unir-se a Jesus Cristo na eternidade.

Esse pensamento cristão das ordens mendicantes do século XIII molda a ética cavaleiresca explicitada em *A Demanda do Santo Graal*. Vejamos um exemplo disso quando os cavaleiros estão se preparando para sair em busca do Graal:

E alguns houve que combinaram com suas amigas de as levarem. E assim aconteceria, se não fosse um velho, que chegou vestido com hábito de ordem, que disse tão alto que todos ouviram: - Cavaleiros da tábola redonda, ouvi. Vós jurastes a demanda do santo Graal. E Nascimento, o ermitão, vos manda dizer por mim que nenhum cavaleiro desta demanda leve consigo mulher nem donzela, senão fará pecado mortal. E não seja tal que nela entre, se não for bem confessado, porque em tão alto serviço de Deus como este, não deve entrar se não for bem confessado e bem comungado e limpo e purificado de todos os danos e de pecado mortal; porque esta demanda não é de tais obras, antes é demanda dos segredos e das coisas escondidas de Nosso Senhor...²⁰

¹⁵ *Ibid.*, p.204 e 214.

¹⁶ *Id.*, *A Civilização do Ocidente Medieval*, p.71.

¹⁷ VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: (séculos VIII a XIII)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995. p.126-128, 130 e 133.

¹⁸ TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2000, p.187.

¹⁹ VAUCHEZ, André., *op. cit.*, p.134-135, 137-138.

²⁰ A DEMANDA DO SANTO GRAAL: manuscrito do século XIII. Texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.47.

Os cavaleiros deveriam se confessar e comungar – vida piedosa – e se afastarem de qualquer contato com mulheres – vida de santidade – para estar a serviço da obra de Deus. Assim, os cavaleiros, em *A Demanda*, ao buscar o Graal, buscam sua salvação e são guiados nessa busca pelo pensamento cristão dos monges.

2 COMPREENDENDO O SANTO GRAAL E A DEMANDA

Compreendido o contexto histórico de *A Demanda do Santo Graal* (o século XIII) e o pensamento cristão ocidental desse século, antes de analisarmos a ética cristã dos cavaleiros, é preciso, similarmente, compreender o que é o Santo Graal e como surgiu a narrativa literária que conta sua busca por cavaleiros cristãos.

2.1 A história do santo graal

Os Evangelhos da Bíblia relatam que Jesus Cristo participara de uma refeição com seus discípulos momentos antes de ser preso, assim como que este foi crucificado mais tarde. Nessa refeição, contendo pão e vinho, a qual foi chamada pela cristandade de “última ceia”, Jesus teria utilizado um cálice para beber o vinho²¹. Segundo a tradição cristã medieval, este mesmo cálice, ou talvez outro, que teria recebido gotas de seu sangue após sua morte na cruz, seria o Santo Graal²².

Segundo tradições medievais, ao solicitar o corpo de Cristo, logo depois da crucificação, com o propósito de sepultá-lo²³, José de Arimateia teria feito uso de um cálice para conter o sangue real do Messias dos cristãos. Após a ressurreição de Cristo, José de Arimateia é preso, pois a tumba está vazia e os judeus o estariam culpando pelo sumiço do corpo. Na prisão, Jesus ressuscitado aparece a ele em uma grande luz, carregando o cálice com seu sangue e dizendo a José que ele teria a graça de carregar o santo vaso. Na mesma prisão, ele é alimentado pela presença do cálice sagrado. Nasceria assim a lenda do Santo Graal: um cálice com poderes sobrenaturais.²⁴

Segundo outras tradições, Vespasiano, imperador romano, doente de lepra, é curado por uma relíquia, contendo o suor de Jesus, trazida à sua presença. Ele mesmo vai à Palestina e

²¹ BÍBLIA SAGRADA. Os textos dos Evangelhos que relatam a última ceia são: Mateus 26.17-30, Marcos 14.12-26 e Lucas 22.7-23.

²² Havia também uma tradição que entendia o Graal como sendo uma pedra que teria absorvido o sangue de Jesus Cristo vertido na cruz.

²³ BÍBLIA SAGRADA. Os textos dos Evangelhos que relatam o pedido do corpo de Cristo a Pilatos por José de Arimateia estão em: Mateus 27.57-60, Marcos 15.43-46, Lucas 23.50-53 e João 19.38-42.

²⁴ BOGDANOW, Fanni. *The Romance of the Grail*. Manchester: Manchester University Press, 1966, p.3.

liberta José da prisão.²⁵ Heitor Megale, assim como os autores Lapa e Bogdanow, descreve o começo dessa lenda, citando o livro *O Romance da História do Graal*:

José de Arimatéia, aquele que colocou Cristo no túmulo, razão pela qual o livro é também conhecido como Joseph. Arimatéia recolhe no cálice as últimas gotas do sangue de Cristo. Perseguido e aprisionado pelos judeus, é visitado por Cristo na prisão e só é libertado pelo imperador Vespasiano, depois que este foi curado de lepra com o véu de Verônica. Livre, José de Arimatéia institui a mesa do Graal, pois se tornara guardador da santa relíquia.²⁶

Segundo a tradição, ao ser liberto da prisão, e depois de permanecer um tempo no Oriente, José de Arimateia e seus familiares deixam a Palestina, levando consigo o Graal, e vão à Europa. Eles chegam à Grã-Bretanha para propagar o cristianismo e são guardiões do Santo Graal, que permanecerá sendo uma relíquia cristã com poderes extraordinários. A proteção do santo vaso continuará sob os cuidados dos descendentes de José de Arimateia, sendo depositado após alguns séculos no castelo de Corberic. A própria narrativa de *A Demanda* menciona José de Arimateia várias vezes e, do mesmo modo, cita o referido castelo como lugar de refúgio do Graal:

[...] depois da morte de Jesus Cristo, sessenta e dois anos, José de Arimatéia veio à cidade de Sarras, assim como o alto Mestre o destinava por sua vontade. Depois que chegou à cidade de Sarras com seus parentes, que eram então novos servos e discípulos de Jesus Cristo...
[...] quando chegaram à Grã-Bretanha, não lhes puderam prejudicar, nem José de Arimatéia, nem Josefes, seu filho, não os puderam tornar cristãos...
[...] pois o santo Vaso nunca saía de Corberic por mão de homem.
E se alguém me perguntar por que não podiam ir os cavaleiros andantes a Corberic, visto que sabiam que lá estava o santo Graal [...] ²⁷

Observemos que o conto narra que José teria chegado à cidade de Sarras – na Grã-Bretanha – 62 anos após a morte de Cristo e que ele e seu filho Josefes não conseguem cristianizar alguns habitantes da ilha. O conto narra, além disso, que há uma proteção divina sobre o castelo de Corberic que guarda o Graal.

Das mãos de José de Arimateia e seus descendentes ao descanso em Corberic, a lenda da taça, que contém o sangue de Cristo e possui poderes sobrenaturais, mescla-se à lenda de rei Artur e a Távola Redonda. Nas tradições culturais da Grã-Bretanha já existiam lendas sobre taças com poderes mágicos. Durante a Baixa Idade Média, foram surgindo histórias do chamado ciclo arturiano que narravam o cálice cristão e sua busca pelos cavaleiros de Artur. Nota-se um

²⁵ LAPA, M. Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa - Época Medieval*. 10. ed., rev. Coimbra: Coimbra Editora, Limitada, 1981, p.248, 249.

²⁶ MEGALE, Heitor. Introdução. In: *A DEMANDA DO SANTO GRAAL*: manuscrito do século XIII. Texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T. A. Queiroz: Editora da Universidade de São Paulo, 1988, p.3.

²⁷ *A DEMANDA DO SANTO GRAAL*., *op. cit.*, p.61, 350, 380, 302, 411, 412 e 443.

síntese entre a fé cristã medieval e crenças populares bretãs, e com histórias de cavaleiros lendários (o próprio Rei Artur, Camalote e o reino de Logres são lendas de difícil precisão histórica).²⁸

2.2 A narrativa de a demanda do santo graal

Nos séculos XI, XII e XIII começam a surgir textos literários na Bretanha e mais tarde na França que contam as aventuras de rei Artur, Lancelote, Galvão, Persival etc.: são as conhecidas novelas de cavalaria do ciclo arturiano. Como declara Heitor Megale: “É possível que nenhuma outra produção literária tenha sido tão difundida na Idade Média como a chamada *matéria da Bretanha*, um vastíssimo complexo de textos em versos e prosa centrados na figura de Artur e de seus cavaleiros da tábua redonda.”²⁹

Contudo, ao evidenciarem-se os valores cristãos da sociedade medieval e ao ganhar destaque a lenda do Graal, a narrativa das novelas de cavalaria tradicionais sofre uma inovação. Surge uma novela de cavalaria religiosa: *A Demanda do Santo Graal*. Lapa destaca isso: “É uma história religiosa cavaleiresca...”³⁰. E o linguista Todorov comprova:

As personagens e os valores tradicionais do romance de cavalaria são não somente contestados como escarnecidos. Lancelot e Galvam eram os campeões desses romances; aqui são humilhados a cada página e não cessam de repetir-lhes que as proezas de que eles são capazes têm pouco valor [...] A Demanda do Graal é uma narrativa que recusa precisamente o que constitui a matéria tradicional das narrativas: as aventuras amorosas ou guerreiras, as proezas terrenas [...] esse livro declara guerra aos romances de cavalaria [...] O romance é feito para contar histórias terrestres; ora, o Graal é uma entidade celeste.³¹

Enquanto as novelas de cavalaria tradicionais narram a busca pelo amor cortês humano através de aventuras amorosas e guerreiras, *A Demanda do Santo Graal* é uma novela de cavalaria com uma narrativa *sui generis*. *A Demanda* narra a busca pelo amor cortês divino, a busca pelo Graal, que simboliza a busca por um encontro com Jesus Cristo. Massaud Moisés também aponta para isso quando afirma que:

[...] quando começam a aparecer as primeiras novelas, é o amor, a mulher o centro das aventuras cavaleirescas [...] A ‘Demanda’, sabemo-lo bem, apareceu em meados do século XIII [...] Caracteriza-a sobretudo a concepção da vida que nela se expressa, concepção altamente cristã [...] Quanto ao resto, parece válido considerá-la *sui generis*, portanto única... Expressão das mais elevadas do pensar medieval...³²

²⁸ LAPA, M. Rodrigues, *op. cit.*, p.239-242.

²⁹ MEGALE, Heitor, *op. cit.*, p.1.

³⁰ LAPA, M. Rodrigues, *op. cit.*, p.247.

³¹ TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p.187.

³² MOISÉS, Massaud. À margem da “Demanda do santo Graal”. *Revista de História*, São Paulo, nº 21, 1955, p.319-320, 322.

O próprio conto expressa essa concepção imensamente cristã e inovadora de novela cavaleiresca ao iniciar o livro mencionando ser “Véspera de Pentecostes.”³³ Quando o Graal penetra entre os cavaleiros da mesa redonda, observa-se o mesmo aspecto religioso, presente no texto por meio de aspectos miraculosos:

Contra a noite, depois de vésperas, quando se assentaram às mesas, ouviram vir um trovão tão grande e tão espantoso, que lhes pareceu que todo o paço caía. E logo depois que o trovão deu, entrou uma tão grande claridade, que tornou o paço dois tantos mais claro que era antes. E quantos no paço estavam sentados, logo todos foram repletos da graça do Espírito Santo e começaram a olhar uns aos outros, e viram-se muito mais formosos, muito mais do que costumavam ser, e maravilharam-se muito do que aconteceu e não houve quem pudesse falar por muito grande tempo, antes estavam calados e olhavam-se uns aos outros. E eles assim estando sentados, entrou no paço o santo Graal, coberto de um veludo branco; mas não houve um que visse quem o trazia.³⁴

Essa novela de cavalaria singular, com profunda ética cristã, deixará a Bretanha e as regiões francesas e chegará à Península Ibérica. Portugal desfrutará da difusão de textos da matéria da Bretanha: entre os anos de 1245 e 1279, durante o reinado de Afonso III, os textos arturianos serão introduzidos na corte portuguesa³⁵. Mais tarde, surgirá o manuscrito em língua portuguesa medieval conhecido como *A Demanda do Santo Graal*, provavelmente reproduzido de textos franceses de *A Demanda*.

O prefácio da edição de *A Demanda do Santo Graal* apresenta a importância dos contos do ciclo arturiano e da novela da *Demanda*, em Portugal, durante o século XIII: “Em Portugal, onde a *matéria da Bretanha* começou a penetrar provavelmente em meados do século XIII, a novelística bretã aparece representada sobretudo pelo ciclo de novelas do qual a mais conhecida é a *Demanda do santo Graal*.”³⁶

Mesmo sendo um texto replicado de contos originais em outra língua, torna-se indispensável ressaltar que *A Demanda do Santo Graal* é a primeira narrativa em prosa da língua portuguesa e conseqüentemente de sua literatura. Deixando clara sua importância e, conseqüentemente, o valor dos elementos religiosos que apresenta, incluindo a ética cristã que demonstra por meio de exemplos de cavaleiros dignos e cavaleiros indignos na busca pelo Santo Graal.

³³ A DEMANDA DO SANTO GRAAL, *op. cit.*, p.25.

³⁴ *Ibid.*, p.41.

³⁵ LAPA, M. Rodrigues, *op. cit.*, p.247.

³⁶ A DEMANDA DO SANTO GRAAL, *op. cit.*, p.XV (prefácio).

3 FRACASSANDO NA DEMANDA: OS CAVALEIROS INDIGNOS

Assimilado o pano de fundo histórico de *A Demanda do Santo Graal* - o “grande” século XIII -, o pensamento cristão ocidental que influenciou essa obra e que se manifesta nela e concebendo a história do Graal e de sua narrativa, atingimos a problemática principal desta pesquisa: a ética cristã dos cavaleiros medievais.

A Demanda expõe essa ética buscada e vivida (ou a tentativa de vivê-la) pelos cavaleiros da cristandade, ao mesmo tempo que influencia esses nobres guerreiros, que leem ou ouvem a narrativa do Graal, a se moldarem à essa ética cristã. Uma ética que não é apenas exposta, mas também cobrada: os cavaleiros não podem fracassar nesse modo de vida cristão.

3.1 As desvirtudes de um cavaleiro

A obra literária desta investigação aponta que os cavaleiros que corrompem a ética cristã no exercício de sua cavalaria estão vivenciando as desvirtudes, condenadas pelos monges que aparecem no conto e pelos evangelhos, sendo próprias de um cavaleiro mundano. Um cavaleiro de Cristo não deve ter vícios e não deve se contentar com aventuras e prazeres terrenos. Por isso, enquanto os romances de cavalaria tradicionais exaltavam esses feitos, *A Demanda* os condena.

Concentraremos esta exposição em três desvirtudes expostas no conto: a luxúria, o orgulho e a deslealdade. E citaremos, no próximo subtítulo, os exemplos de cavaleiros de *A Demanda* que representam esses vícios. Os monges, presentes na história, estão a todo instante alertando os cavaleiros a se afastarem deles. Vejamos alguns trechos da obra que exibem um ermitão revelando sonhos aos cavaleiros Galvão e Heitor:

E os touros eram orgulhosos e diferentes, menos três. Pelos touros deveis entender os companheiros da tábola redonda, que por sua fornicção e por sua má vida caíram muito em soberba e em pecado mortal, tanto que seus pecados não se podem esconder neles, antes aparecem por fora, assim que são todos diferentes [...] E vós que ainda cavalgáveis no grande cavalo, isto mostra que ficareis em pecado e em orgulho e inveja [...] E quando lá chegardes e procurardes entrar, vos dirão que não cuidam de quem permanece em pecado mortal e em orgulho e em soberba. E voltareis então para Camalote e não conseguireis nada em vosso proveito na demanda.³⁷

O ermitão revela a Galvão que os touros de seu sonho são os cavaleiros da tábola que, por sua vida de fornicção, soberba e deslealdade, estão vivendo as desvirtudes mortais que não se podem esconder. Do mesmo modo, o ermitão revela a Heitor que esses cavaleiros orgulhosos, invejosos, em pecado mortal fracassarão na demanda. O historiador Franco Cardini,

³⁷ A DEMANDA DO SANTO GRAAL, *op. cit.*, p.133-134

articulando sobre os cavaleiros, os torneios e os pecados, corrobora o que está pronunciado acima:

[...] num torneio, se cometiam os sete pecados mortais: a soberba, na medida em que esse tipo de competição provinha do desejo desmedido de glória e de honras; a ira, porque o recontro, embora fosse ocasionado pelas regras do jogo, acabava fatalmente por gerar ódio e desejo de vingança... a luxúria, na medida em que os que participavam nos torneios lutavam normalmente para agradarem às suas damas...³⁸

As desvirtudes que tornavam um cavaleiro indigno estão atreladas aos sete pecados capitais – aqui são abordados três vícios como já mencionado – e Cardini as aproxima aos torneios. Em *A Demanda*, não somente em justas e combates, mas também no seu cotidiano, os cavaleiros maus buscavam sua própria glória, buscavam a vingança, e buscavam os prazeres da carne. Para Jean Flori, os torneios igualmente constituem oportunidade para os cavaleiros se tornarem indignos:

[...] quadro repugnante dos torneios... são a oportunidade de cometer os sete pecados capitais: o orgulho, por causa do louvor excessivo dos homens e da vã glória que se procura lá; a inveja, pois cada um inveja a reputação do vizinho; o ódio e a cólera, porque os cavaleiros, nos afrontamentos, atingem-se e ferem-se, encolerizando-se consequentemente... a luxúria, enfim, pois os torneios são a ocasião de encontros mundanos...³⁹

A busca por glória pessoal pelos cavaleiros espelha o orgulho; sua inveja, ódio e desejo de vingança resultarão em deslealdade; e sua demanda por encontros e prazeres carnavais os encaminha a alcançar uma vida de luxúria. Le Goff ratifica essa visão dos vícios por parte do homem medieval, condenada em *A Demanda*:

O homem da Idade Média vive obcecado pelo pecado, que ele comete quando se entrega ao Demônio, quando se declara vencido perante os portadores do pecado, os vícios. Para ele, esses vícios têm a forma de animais simbólicos, de alegorias ameaçadoras, encarnação dos pecados capitais... o orgulho, ...a luxúria, a ira...⁴⁰

Em *A Demanda*, observa-se essa obsessão pelos vícios, que será exemplificada adiante pelos maus cavaleiros, e como esses cavaleiros resistem em abandoná-los. Observa-se, conjuntamente, a figura da besta ladradora como representação do demônio no conto (a besta foi gerada pelo próprio Diabo em uma donzela). *A Demanda* explicita essa fixação pelo pecado e pela ação demoníaca que conserva o homem medieval. Por outro lado, *A Demanda* expõe as

³⁸ CARDINI, Franco. O Guerreiro e o Cavaleiro. In: LE GOFF, Jacques. *O Homem Medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.71.

³⁹ FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005, p.137-138.

⁴⁰ LE GOFF, Jacques. O Homem Medieval. In: LE GOFF, Jacques. *O Homem Medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989, p.25.

desvirtudes para que o homem medieval (o cavaleiro) seja doutrinado a rejeitar tudo aquilo que é mundano.

3.2 Exemplos de maus cavaleiros

Demonstraremos, através de três exemplos de maus cavaleiros que se situam no conto, essas três desvirtudes aludidas acima. Poderíamos indicar muitos outros cavaleiros, assim como poderíamos apontar outros vícios contidos na narrativa. Contudo, *A Demanda do Santo Graal* compõe uma obra vastíssima, com um número grande de cavaleiros e com diversos fios narrativos contidos na história principal, o que tornaria inviável para este artigo a menção de mais exemplos.

O primeiro exemplo de mau cavaleiro, indigno e que conseqüentemente fracassará na demanda é Lancelote. E sua desvirtude característica concerne à luxúria. Lancelote constitui o grande exemplo de cavaleiro até então em outras novelas de cavalaria, sendo ele o melhor cavaleiro do mundo nessas novelas, aparecendo como alguém muito leal ao rei Artur, e sendo seu primeiro cavaleiro. Todavia, Lancelote vive uma relação amorosa com a rainha Guenevra e, assim, vive em luxúria, levando a rainha a cometer adultério. Apesar de ter sido escolhido outro cavaleiro para ilustrar a deslealdade, Lancelote torna-se muito desleal para com seu rei em função de sua ação para com a rainha, ao mesmo tempo em que comete o pecado da luxúria. Vejamos um fragmento do conto que relata um sonho de Lancelote no qual ouve de seu pai, o rei Bam, sobre seu pecado:

- Sim, tu foste meu filho. Pesa-me por isso, porque és tal que deixaste o Salvador do mundo e a mim, que era teu pai, e foste te meter no domínio e no serviço do demo e em seu laço. Aqui, onde estamos, não tens nada a alcançar, porque o teu lugar e teu assento está no inferno com a rainha Genevra, que te trouxe à morte eterna tu e ela, se antes não deixardes o pecado que, até agora mantivestes contra Deus e contra a santa Igreja. Em vão entraste na demanda do santo Graal, e não acharás senão vergonha, que sobre ti virá, se te não apartas deste pecado.⁴¹

O segundo exemplo de mau cavaleiro refere-se a Galvão. Sua desvirtude característica é a deslealdade. Galvão é advertido a não sair na demanda pois faria grande mal a muitos de seus companheiros: “Como o rei ordenou a Galvão que não fosse.”⁴² Porém, mesmo assim ele sai. Galvão, com essa atitude, e muitas outras expressas no conto, também demonstra soberba. Porém, sua grande marca negativa é a deslealdade. Assim como Lancelote, Galvão representava o herói de outras novelas de cavalaria, mas em *A Demanda* ele é escarnecido:

⁴¹ A DEMANDA DO SANTO GRAAL, *op. cit.*, p.171.

⁴² *Ibid.*, p.44.

Galvão age no seu cotidiano provocando discórdias, incitando a violência, descumprindo sua palavra e, principalmente, sendo infiel para com seu rei. Afinal, a deslealdade é a sua maior marca, evidente em suas ações e decisões. Observemos um diálogo entre o próprio Galvão e um ermitão que evidencia seu vício:

- Senhor, disse Galvão, por esta razão que me dizeis me parece que, estando eu em pecado mortal, em vão me esforçarei nesta demanda, porque nada nela farei.
- Galvão, Galvão, já muito tempo há que foste cavaleiro das primícias; e desde que recebeste ordem de cavalaria, não serviste teu Criador, senão pouco. E agora és árvore velha, tanto que não ficou em ti ramo, nem folha, nem fruto. Agora, pensa de hoje em diante tanto que Nosso Senhor tenha de ti a cortiça e o miolo, visto que o demo de ti levou os ramos e as folhas e a fruta.⁴³

Deste modo, fica evidente que tanto Lancelote como Galvão são intencionalmente transfigurados em *A Demanda do Santo Graal*, transformando-os de heróis em vilões, de exemplos de cavaleiros excepcionais em exemplos de maus cavaleiros, no que diz respeito à ética, que é um elemento central na obra. Por isso, os dois campeões são escarneados nesta obra:

As personagens e os valores tradicionais do romance de cavalaria são não somente contestados como escarneados. Lancelot e Galvam eram os campeões desses romances; aqui são humilhados a cada página e não cessam de repetir-lhes que as proezas de que eles são capazes têm pouco valor.⁴⁴

Jean Flori pondera, da mesma forma, sobre os dois cavaleiros desvirtuosos, indicando que ambos não conseguem alcançar o seu objetivo em relação ao Santo Graal, por conta da mundanidade destes, que caem em erros e tentações:

Gauvain, bom cavaleiro corte, não pode conseguir isso por causa de sua mundanidade e de seus erros. Lancelot, o melhor cavaleiro do mundo, por muito tempo é impedido de participar, pois Guinevere o mantém junto dela, em amor egoísta. Ela se arrepende, enfim, e deixa partir esse perfeito cavaleiro, campeão do amor fiel. Ele está prestes a alcançar o Graal, mas sua sensualidade e o amor adúltero de Guinevere lhe proíbem o sucesso.⁴⁵

O terceiro exemplo de mau cavaleiro, que demonstra ser indigno, consiste no próprio Rei Artur. Seu grande pecado refere-se ao orgulho. Mesmo sendo um grande rei e possuindo grandes cavaleiros – e até outros reis como seus vassallos –, Artur afasta-se da Igreja, das virtudes cristãs e, por isso, coloca o reino de Logres à beira do caos. Por tornar-se o grande líder da mesa redonda, enche-se de orgulho. Aparenta não se interessar em buscar o Graal, ou seja, em encontrar Jesus Cristo, parecendo sua liderança ser mais uma demonstração de soberba. Ao

⁴³ *Ibid.*, p.136-137.

⁴⁴ TODOROV, Tzvetan, *op. cit.*, p.187.

⁴⁵ FLORI, Jean, *op. cit.*, p.170.

insistir em guerrear com Lancelote, por sua honra ferida por causa da rainha, denuncia outra vez seu orgulho. Verifiquemos um extrato que revela seu orgulho na guerra contra Lancelote:

Mas bem sabeis e quantos aqui estão que, desde que fui coroado rei, não comecei guerra a quem não desse cabo à minha honra e de meu reino. Por isso vos digo que não deixarei de nenhum modo de fazer guerra contra aqueles que me têm feito traição e tão grande perda e rogo-vos primeiramente a quantos aqui estais que me ajudeis nisso, assim como em vós confio.⁴⁶

3.3 Fracassando em encontrar Jesus Cristo

Portanto, seja por orgulho, deslealdade ou luxúria, cavaleiros que assim agem, cometendo pecados e tornando indigna a cavalaria, indicam mau exemplo para a cavalaria da cristandade. Cavaleiros de mau comportamento fracassam na ética cristã cavaleiresca e não devem ser seguidos.⁴⁷ E, assim, A Demanda demonstra que, mais importante do que ser um cavaleiro habilidoso ou um rei poderoso, é cada pessoa seguir o caminho da ética cristã.

Os cavaleiros indignos, que vivem as desvirtudes em seu exercício de cavalaria, fracassarão em encontrar o Santo Graal; conseqüentemente fracassarão em encontrar sua salvação. Aqueles que cometem pecados - como luxúria, orgulho e deslealdade e estão em uma vida mundana de torneios, combates, busca de glória e busca de prazeres carnis - vão fracassar em seguir o pensamento dos monges, em seguir a doutrina da Igreja, e em estar a serviço de Deus. Essa é a mensagem de *A Demanda do Santo Graal* para os cavaleiros: fracasse na ética cristã cavaleiresca e fracassará em encontrar a eternidade tão almejada.

Lancelote, Galvão e rei Artur não alcançam sucesso diante da Igreja e diante de Deus. Se não se arrependessem, não buscassem penitência e se não demandassem endireitar suas vidas pecaminosas iriam para o inferno (sobre essas questões falaremos na próxima parte). A questão principal é que: esses três, outrora grandes cavaleiros, representam os cavaleiros indignos que fracassam em encontrar Jesus Cristo. Atentemos como Todorov argumenta sobre Lancelote, comparando-o com os cavaleiros dignos que abordaremos na parte seguinte do artigo: “Encontrar o Graal é aprender a decifrar a linguagem divina... Galaaz, Persival e Boorz conseguem de modo mais ou menos fácil, interpretar os sinais de Deus. Lançalot, o pecador, apesar de toda a sua boa vontade, não o consegue.”⁴⁸

⁴⁶ A DEMANDA DO SANTO GRAAL, *op. cit.*, p.488.

⁴⁷ Para outra abordagem sobre os cavaleiros maus, mundanos e seus pecados consultar: SOUZA, Neila Matias de. *Modelando a cavalaria: uma análise da Demanda do Santo Graal (Século XIII)*. 2011. 201f. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

⁴⁸ TODOROV, Tzvetan, *op. cit.*, p.176-177.

Os cavaleiros dignos, de virtudes cristãs, os bons cavaleiros, de maneira oposta aos indignos, interpretarão os sinais de Deus e não fracassarão na demanda. Pelo contrário, alcançarão o Graal, ou seja, o próprio Jesus Cristo por este representado.

4 ALCANÇANDO O GRAAL: OS CAVALEIROS DIGNOS

Quando apenas doze cavaleiros (de cento e cinquenta que haviam deixado o reino de Logres na demanda) chegam até o castelo de Corberic, e entram na câmara onde repousa o Graal, eles ouvem uma voz de aprovação, e reagem assim:

‘Cavaleiros cheios de fé e de crença, escolhidos sobre todos os outros cavaleiros pecadores, entrai na câmara do santo Vaso e tereis abundância do manjar que demandastes e tanto desejastes.’
Quando ouviram esta voz, ficaram de joelhos e choraram de alegria e deram graças a Nosso Senhor [...].⁴⁹

Somente os cavaleiros (doze, o mesmo número dos apóstolos de Cristo) cheios de fé em Cristo, na Igreja, que guardaram o ensinamento dos monges, que praticaram ritos de piedade e que venceram as desvirtudes, alcançaram aquilo que o homem medieval do século XIII tanto aspirava: a união com Cristo na eternidade.

A narrativa de *A Demanda*, contando a busca do cálice que contém o sangue de Cristo por cavaleiros do rei Artur, exhibe as virtudes de um verdadeiro cavaleiro de Cristo, os exemplos de bons cavaleiros, bem como o modelo perfeito de cavaleiro cristão. A ética cristã cavaleiresca revela os dignos que alcançam o Graal.

4.1 As virtudes de um cavaleiro cristão

Os cavaleiros medievais, mesmo antes de sua cristianização, detinham já virtudes próprias das instituições. Os cavaleiros possuíam determinações em sua ética cavaleiresca. Georges Duby investiga essa ética em seu famoso livro *Guilherme Marechal*. O historiador francês explana que os cavaleiros precisavam manter sua palavra (fidelidade); agir com valor nos combates, seguindo leis próprias; manter sua honra; e conquistar o amor de mulheres.⁵⁰ Georges Duby, em outra obra sua, também argumenta sobre a ética dos cavaleiros:

De início, quando começou a ordem de cavalaria, foi atribuído àquele que desejasse ser cavaleiro e tivesse dom para isso, por directa eleição [...] que fosse piedoso, sem vilania, bondoso, sem perfídia, piedoso para com os sofredores e generoso (todas as

⁴⁹ A DEMANDA DO SANTO GRAAL, *op. cit.*, p.447.

⁵⁰ DUBY, Georges. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987, p.118-121.

palavras têm esta prosa admirável, expondo com perfeita concisão toda a ética cavaleiresca).⁵¹

À medida que os cavaleiros se tornam cristãos e são norteados pelo pensamento dos monges e da igreja, sua ética vai se tornando cada vez mais, não somente cavaleiresca, mas também uma ética cristã. O historiador Marc Bloch certifica:

Mas era colorindo estas mesmas normas com tonalidades cristãs e, ainda mais, libertando a bagagem tradicional dos elementos de natureza muito profana que nela tinham tido e, na prática, continuavam a ter um lugar tão importante: essas escórias que, nos lábios de tantos rigoristas, desde Santo Anselmo até São Bernardo, tinham introduzido o velho jogo de palavras, cheio de desprezo do clérigo pelos seculares: non militia, sed malitia. ‘Cavalaria igual a maldade’: depois da anexação definitiva, por parte da Igreja, das virtudes da cavalaria, qual o escritor que futuramente ousaria repetir esta equação?⁵²

As virtudes da cavalaria passam a ser as virtudes da Igreja. O bom cavaleiro medieval ocidental consiste no cavaleiro de Cristo que exhibe em sua vida os valores cristãos. Não há cavaleiro digno, assim, sem ética cristã. Jean Flori defende que a cavalaria medieval afasta-se de espelhar uma cavalaria terrestre para espelhar uma cavalaria celestial.⁵³ Franco Cardini argumenta que há uma “legitimação cristã da cavalaria” e uma “cristianização da cavalaria”⁵⁴. O historiador Flori novamente demonstra:

Essa cristianização atinge seu apogeu na Queste del saint Graal (por volta de 1225) em que o Graal torna-se relíquia da Paixão e símbolo do Espírito Santo [...] Falou-se a respeito da cristianização da cavalaria. Talvez se trate mais da formação de uma mitologia, de uma mística da cavalaria. Ela nasce no início do século XIII e vive ao longo de toda a Idade Média.⁵⁵

Essa cristianização da cavalaria ou mística da cavalaria, ou ainda a cavalaria celestial, fica muito nítida em *A Demanda do Santo Graal* nas virtudes cristãs que os cavaleiros da mesa redonda carecem portar para alcançarem o Graal. Essas virtudes são completamente opostas às desvirtudes apresentadas anteriormente. Ao invés de orgulho, humildade; em oposição a deslealdade, lealdade; e ao contrário de luxúria, a castidade ou a virgindade. Examinemos essas virtudes através de um excerto de *A Demanda*, no qual Galaaz e outro cavaleiro estão diante de uma cruz que divide dois caminhos e traz um alerta a quem busca o Graal:

⁵¹ DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o imaginário do feudalismo*. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p.331.

⁵² BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70 LDA, 2009. p.375.

⁵³ FLORI, Jean, *op. cit.*, p.168.

⁵⁴ CARDINI, Franco, *op. cit.*, p.73 e p.62.

⁵⁵ FLORI, Jean, *op. cit.*, p.170-171.

Assim que, uma segunda-feira, lhes aconteceu de manhã, que chegaram a uma cruz de que partiam duas carreiras. E aquela cruz estava na entrada de um grande campo, e era de madeira muito velha, e acharam um letreiro que dizia: 'Ouve tu, cavaleiro andante, que aventura demandar vens. Aqui há duas carreiras, uma à direita e outra à esquerda. E a da esquerda te proíbo eu, porque demasiado bom deve ser o cavaleiro que nela entrar, porque, se bom não fosse, não poderia sair dela sem grande dano. E da direita não te digo tanto, porque não há nela tanto perigo; mas, se nela entrares e não fores bom cavaleiro, não acabarás lá nada.'⁵⁶

O ser bom cavaleiro a que se refere esse trecho consiste em exprimir as virtudes cristãs da humildade, lealdade e a da castidade/virgindade em seu exercício de cavalaria para acabar a demanda pelo cálice de Cristo. Outro extrato da obra, que relata a interpretação da visão do prado e dos touros que teve Galvão, aponta as virtudes cristãs:

Pelo prado, que era verde, devemos entender a humildade e a paciência. No curral, onde vistes os cento e cinqüenta touros e que não saíam pelo prado, mas pela terra, deveis saber e entender que, se pelo prado saíssem, seriam humildes e obedientes... Dos três touros que eram sem mancha deveis entender que são sem pecado os dois que eram brancos e formosos. Formosos e brancos são os que são perfeitos de todas as virtudes. Os dois touros que eram brancos significam Galaaz e Persival, que são brancos, porque são virgens, limpos e sem mancha. O terceiro, que tivera já sinal de mancha, este era Boorz, que tempo havia que errara em sua virgindade, mas depois o corrigiu de modo que tão bem guardou sua castidade, que todo aquele erro foi perdoado.⁵⁷

Percebamos no texto do conto a menção a ser humilde (e não arrogante como a maioria dos cavaleiros), a ser obediente (leal), e a ser virgem como Galaaz e Persival, ou a ser casto como Boorz, que mesmo cometendo o pecado da luxúria, corrigiu seu erro. As virtudes cristãs contidas em cavaleiros dignos estão exemplificadas a seguir.

4.2 Exemplos de bons cavaleiros

Os bons cavaleiros que exemplificaremos aqui, que contêm as virtudes cristãs explicitadas anteriormente e que são dignos, são Boorz e Persival. Galaaz também se enquadra como bom cavaleiro, porém, muito superior a esses dois e, sendo assim, discorreremos sobre ele mais adiante. Há outros poucos cavaleiros bons na obra e que alcançam o Graal (doze chegam a Corberic como já mencionado), contudo, vamos limitar a exposição a Boorz e a Persival.

Discorreremos, primeiramente, sobre o cavaleiro Boorz. Grande cavaleiro de armas, leal e humilde. Herói de outros contos de cavalaria e herói de *A Demanda*. Todavia, envolve-se com uma mulher, que na verdade o engana para ter relações sexuais com ele. O bom cavaleiro da Távola Redonda percebe o erro que cometera, arrepende-se, confessa seu pecado e busca

⁵⁶ A DEMANDA DO SANTO GRAAL, *op. cit.*, p.69.

⁵⁷ *Ibid.*, p.133.

penitência por ele. A partir de então, Boorz procurará vivenciar uma vida cristã de castidade, ideal dos monges para aproximarem-se de Cristo, e realmente conseguirá viver essa virtude cristã.⁵⁸ Validamos o que foi explanado acima no extrato do conto a seguir:

[...] prometera Boorz a Nosso Senhor lhe guardar sua virgindade. Mas tão logo ela o viu, gostou dele desde então e amou-o; e depois enganou-o por encantamento, e dormiu com ela e fez ali aquela noite aquele que foi depois imperador de Constantinopla. E se Boorz quebrou aquilo que prometeu, não foi por sua vontade, mas pelo encantamento que lhe a donzela fez; e depois corrigiu aquilo que fez, pois todos os dias de sua vida manteve castidade.⁵⁹

Falaremos, em segundo lugar, sobre o cavaleiro Persival. Herói de *A Demanda*, em companhia de Boorz e Galaaz, representou esse heroísmo cavaleiresco também em outras novelas de cavalaria. Além do mais, há uma novela de cavalaria com seu nome: o *Percival*, parte da matéria da Bretanha. Assim como Boorz, Persival foi grande cavaleiro de armas, leal e humilde. Contudo, esse cavaleiro digno mantém-se afastado completamente do pecado da luxúria.⁶⁰ Persival mantém-se virgem durante seu exercício de cavalaria e durante a busca pelo Graal, como consequência de sua ética cristã alcança o Graal. Observemos, neste trecho do conto que segue, como Persival resiste à tentação do pecado da luxúria e pensa ser o demônio que o tenta:

E depois acordou e olhou ao redor de si e viu a donzela rir, porque vira que tivera medo. E quando a viu rir, espantou-se e logo entendeu que era o demo que lhe aparecera em semelhança de donzela para o enganar e o meter em pecado mortal. Então ergueu a mão e persignou-se e disse:
- Ai, Pai Jesus Cristo, Pai verdadeiro! Não me deixes enganar nem entrar na eterna morte; e se este é o demo que me quer tirar de teu serviço e separar de tua companhia, mostra-mo.
Assim que ele isto disse, viu que a donzela se tornou em forma de demo tão feio e tão espantoso...⁶¹

Boorz e Persival são exemplos de bons cavaleiros que estão comprometidos com a ética cristã. Sustentam-se em lealdade, humildade e abstinência sexual. Por isso eles, assim como Galaaz, são os três touros brancos do relato. Os cavaleiros cristãos medievais devem se espelhar nessa ética e nesses exemplos. Ainda assim, há um cavaleiro cristão que supera esses outros dois.

⁵⁸ LAPA, M. Rodrigues, *op. cit.*, p.261.

⁵⁹ A DEMANDA DO SANTO GRAAL, *op. cit.*, p.34.

⁶⁰ LAPA, M. Rodrigues, *op. cit.*, p.263.

⁶¹ A DEMANDA DO SANTO GRAAL, *op. cit.*, p.213.

4.3 Galaaz: o modelo de cavaleiro cristão

A narrativa de *A Demanda do Santo Graal* não aceitaria Guilherme Marechal⁶² como o melhor cavaleiro do mundo, ainda que esse grande cavaleiro medieval fosse excelente em armas, fiel, valoroso, honrado e com amor cortês. Tampouco aceitaria Lancelote e rei Artur como modelos de cavaleiro. Para o conto, há somente um cavaleiro perfeito em suas virtudes e em sua ética cristã: Galaaz. Mesmo Boorz e Persival, que são exemplos de bons cavaleiros virtuosos, e alcançam o Graal, ficam um nível abaixo do cavaleiro perfeito.

Galaaz é filho de Lancelote com a filha do Rei Peles, descendente de José de Arimateia. E a linhagem de seu avô pertence à do rei Davi. Sua ascendência demonstra já sua excelência: ele é filho do melhor cavaleiro da corte de rei Artur e descendente do guardião do Graal. É um rapaz muito jovem (um donzel), com um corpo muito bem feito, formoso, meigo e muito bom cavaleiro para a sua idade, segundo nos relata *A Demanda*.⁶³

As armas que carrega também demonstram sua sublimidade. Primeiro, ele consegue retirar a espada da pedra em Camalote (tudo indica ser a lendária Excalibur) e a carrega nas aventuras em busca do santo vaso. Mais tarde, receberá o escudo que foi concebido por Josefes, filho de José de Arimateia: escudo com fundo branco e uma cruz vermelha (a cruz é feita com o sangue de Josefes). Posteriormente, encontrará a chamada espada da estranha cinta, mais poderosa ainda que a anterior.

Não obstante todos esses predicados, as virtudes cristãs constituirão Galaaz como modelo perfeito. Ele é o cavaleiro digno que jamais abandona a lealdade e a humildade. Ele, mesmo muito jovem, rejeita uma vida de luxúria – aquilo que os monges almejavam para todos os cavaleiros da demanda – e mantém-se virgem. Essa é a grande virtude que o torna sem pecado. E mesmo diante da tentação de uma donzela que se apaixona por ele, e até ameaça se suicidar não obtendo dele prazer sexual, Galaaz mantém-se casto. Vejamos o fragmento do conto sobre esse momento:

E Galaaz não soube o que dissesse, e disse à donzela que, se se matasse como dizia e por tal razão, bem entendesse que não daria nada por sua morte; e por outro lado lhe disse que, se fosse a mais formosa que Nosso Senhor tivesse feito, ele não olharia mais para ela; e disse-lhe que mais lhe valeria ficar em virgindade, porque se lhe os outros fizessem tanto como ele, bem poderia ser que morresse virgem. E a donzela que estava toda como paralisada, quando viu que de Galaaz não poderia ter seu prazer...⁶⁴

⁶² Sobre este, cf. DUBY, Georges. *Guilherme Marechal*.

⁶³ A DEMANDA DO SANTO GRAAL, *op. cit.*, p.28-29.

⁶⁴ A DEMANDA DO SANTO GRAAL, *op. cit.*, p.101.

Deste modo, a qualidade ética de Galaaz não é enfatizada apenas pela sua escolha pela virgindade, mas também, de forma destacada, por não ceder às tentações que aparecem na narrativa. O professor Ademir Luiz da Silva certifica sobre esse cavaleiro perfeito, sem pecado algum:

Durante a busca, Galaaz leva uma vida totalmente sem pecado e, como resultado, vive e pensa num nível diferente, apartado, dos outros cavaleiros. Distingue-se de seus companheiros, todos os homens corajosos e experientes na lida guerreira, mas muito influenciados pelas coisas mundanas. Por sua natureza pura, Galaaz parece quase não-humano. Fato que transparece em suas aventuras. Ele derrota os rivais, aparentemente, sem esforço e, praticamente, não lhes dirige a palavra.⁶⁵

Sua vida totalmente sem pecado, sua mente e modo de vida em nível diferenciado e seu poder de derrotar os rivais facilmente são características de Cristo. Ele parece, realmente, não pertencer a este mundo, e ser um salvador eleito para conduzir os demais cavaleiros à salvação. Jean Flori corrobora com esse argumento:

A salvação só pode vir de um novo eleito: será Galaad, filho de Lancelot, nascido de uma virgem que tomou o lugar de Guinevere por meio de um encantamento. Esse salvador é então como o Cristo nascido de uma virgem pura. A alusão mariológica aqui é transparente.⁶⁶

Galaaz é identificado com o próprio Cristo no conto: é um salvador nascido de uma virgem e descendente do rei Davi; e, inclusive, ao entrar no paço de rei Artur sem ser visto por ninguém, declara a saudação “a paz esteja convosco”, como Jesus já ressuscitado fez diante de seus apóstolos.⁶⁷ Ele é, portanto, o cavaleiro que representa Cristo, sendo até mesmo apresentado ao rei Artur como o eleito que terminará as maravilhas da demanda. Examinemos a passagem de *A Demanda*:

Aconteceu que entrou Galaaz armado de loriga e brafoneiras e de elmo e de duas divisas de veludo vermelho; e, depós ele, chegou o ermitão, que lhe rogara que o deixasse andar com ele, e trazia um manto e uma garnacha de veludo vermelho em seu braço. Mas tanto vos digo que não houve no paço quem pudesse entender por onde Galaaz entrara, que em sua vinda não abriram porta nem janela. Mas do ermitão não vos digo, porque o viram entrar pela porta grande. E Galaaz, assim que chegou ao meio do paço, disse de modo que todos ouviram: - A paz esteja convosco. E o homem bom pôs as vestes que trazia sobre um tapete, e foi ao rei Artur e disse-lhe: - Rei Artur, eu te trago o cavaleiro desejado, aquele que vem da alta linhagem do rei Davi e de José de Arimatéia, pelo qual as maravilhas desta terra e das outras terão fim.⁶⁸

⁶⁵ SILVA, Ademir Luiz. O ideal cavaleiresco de São Bernardo em *A Demanda do Santo Graal*. *Mirabilia*, Vol. 13, Jun.-Dez. 2011, p.48.

⁶⁶ FLORI, Jean, *op. cit.*, p.170.

⁶⁷ BÍBLIA SAGRADA. Os Evangelhos do Novo Testamento da Bíblia narram esse episódio: Lucas 24.33-43 e João 20.19-31.

⁶⁸ A DEMANDA DO SANTO GRAAL, *op. cit.*, p.35.

Outra característica de Cristo que Galaaz possui é a de realizar milagres, outra constatação para sua quase “não-humanidade”. Observe-se este trecho de *A Demanda*:

E fez todos os outros saírem da câmara e despiu-se então e deu-lhe a estamena e rogou-lhe, pela fé que devia a Deus que o não, dissesse a ninguém. E ela concordou; depois ficou só e vestiu-a rente à pele, porque Galaaz foi para os cavaleiros, mas de tudo isto não lhes disse nada, porque queria que ninguém o soubesse. E a donzela que vestira a estamena ficou logo tão boa, como se nunca tivesse estado mal. Quando ela viu que tal milagre lhe fizera Deus, mandou chamar Galaaz. E quando ele veio, fechou a porta e deitou-se diante dele e beijou-lhe os pés e disse-lhe: - Mui santo cavaleiro, olha o bem que Deus me fez em tua vinda. Estou curada de quanto mal havia.⁶⁹

Constata-se a cura de uma donzela leprosa, por sua fé em Deus e no cavaleiro perfeito, mas porque vestiu a estamena pertencente a Galaaz. Essa veste era feita de tecido áspero de lã grossa e era usada por Galaaz rente à pele debaixo de sua armadura. Ele a usava como cilício, como penitência. Esse jovem cavaleiro era leal, humilde, virgem e além do mais se penitenciava. Como reconhece a donzela curada: um santo cavaleiro.

Um cavaleiro de Cristo que sempre fazia suas orações, jejuns, persignava-se (benzer-se fazendo o sinal da cruz com o dedo polegar, primeiramente na testa, depois na boca, e, por último, no peito), confessava-se a algum clérigo, ouvia missa e participava da eucaristia. Percebamos essa piedade e santidade do cavaleiro perfeito quando ele morre, após alcançar o Graal:

E quando entraram no Paço Espiritual, olharam diante de si o santo Vaso, e viram um homem revestido como clérigo de missa, que estava de joelhos diante da mesa e batia a mão no peito dizendo sua culpa; e estava ao redor dele muito grande companhia de anjos; e, depois que ficou muito tempo de joelhos, ergueu-se e começou sua missa da gloriosa Senhora. [...] E tão logo rogou a Nosso Senhor, o homem bom que cantava a missa tomou o Corpus Domini e lhe deu em comunhão. E Galaaz o recebeu com grande humildade e o homem bom perguntou: - Sabeis quem sou? - Não, disse ele, se não me disserdes. - Pois sabe, disse ele, que sou Josefes, o filho de José de Arimatéia, que Nosso Senhor te enviou para te fazer companhia. E sabes por que me enviou de preferência a outro? Porque pareces comigo em duas coisas: porque viste as maravilhas do santo Graal como eu, e porque é direito que um virgem faça companhia a outro virgem. Depois que Josefes disse isto a Galaaz, voltou Galaaz a Persival e beijou-o, e depois disse a Boorz:- Saudai por mim muito a dom Lancelote, meu pai e meu senhor, tão logo o vejais. Então voltou para diante da mesa e ficou de joelhos e não demorou senão pouco. Quando caiu no chão, a alma se lhe saiu do corpo e levaram-na os anjos fazendo grande alegria e bendizendo a Nosso Senhor.⁷⁰

Alcançando o Graal, Galaaz e seus companheiros deixam o castelo de Corberic e chegam à cidade de Sarras (onde José de Arimateia havia chegado vindo da Palestina), na qual o

⁶⁹ *Ibid.*, p.315.

⁷⁰ *A DEMANDA DO SANTO GRAAL*, *op. cit.*, p.467.

cavaleiro perfeito é tornado rei. Após um ano, ele, Boorz e Persival estão diante do santo vaso e veem Josefes, filho de José, como clérigo e celebrando missa. O santo cavaleiro declara em oração querer deixar a vida terrena e partir para a celestial. Galaaz participa da eucaristia e, diante de seu antepassado e de seus companheiros de cavalaria, morre e vai encontrar Jesus Cristo. O Graal é arrebatado ao céu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os santos cavaleiros, dignos, que conservam as virtudes cristãs, que sustentam a ética cristã cavaleiresca, alcançarão o Graal e encontrarão Jesus Cristo. Todorov valida isto ao afirmar que “o Graal é igual a Jesus Cristo e tudo o que este simboliza... o que os cavaleiros procuravam – o Graal – era Jesus Cristo.”⁷¹ A ascensão do Graal ao céu, portanto, também remete à ascensão de Jesus Cristo.

Para encontrar o Graal e, portanto, unir-se a Jesus Cristo, faz-se necessário ao cavaleiro cristão do século XIII (e aos cavaleiros medievais) vivenciar a santidade cristã ensinada e pregada pelos monges. Os cavaleiros medievais devem seguir os exemplos dos bons cavaleiros, Boorz e Persival, que portam as virtudes da lealdade e da humildade. Ademais, os cavaleiros medievais devem buscar uma vida de virgindade/castidade como a dos dois cavaleiros bons. E principalmente, devem admirar a perfeição de Galaaz. Mesmo que não fosse possível a virgindade, o cavaleiro de Cristo deveria se manter casto em seu matrimônio. A Igreja determinava que seus cavaleiros se abstivessem de uma vida mundana. A ética cristã cavaleiresca do século XIII, portanto, tal qual é exposta em *A Demanda*, aponta a santidade para o cavaleiro.

Para encontrar Jesus Cristo, faz-se necessário ao cavaleiro medieval, além disso, vivenciar a piedade cristã determinada pela Igreja e pregada pelos monges. Para alcançar a salvação é preciso, ao cavaleiro do século XIII, ser orientado pelos ritos da Igreja: realizar as orações, jejuns, confessar-se a algum clérigo, fazer penitência, ouvir missa e participar da eucaristia. A vida de piedade protegerá o cavaleiro cristão medieval dos vícios que o rodeiam. A ética cristã cavaleiresca do século XIII, manifestada em *A Demanda*, aponta uma vida cristã piedosa para o guerreiro.

Le Goff, discorrendo sobre o Deus da Idade Média e sobre Deus na cultura dessa época, confirma que para o homem medieval encontrar Jesus Cristo (a salvação) é apenas através da santidade e da piedade decretadas pela Igreja: “Os principais instrumentos da dominação da

⁷¹ TODOROV, Tzvetan, *op. cit.*, p.185.

Igreja foram a consolidação da teologia e a prática dos sacramentos [...] E como a Igreja é a única a distribuir os sacramentos, o homem não pode se salvar a não ser pela Igreja e graças à Igreja.”⁷²

E, se cometer pecados, esse cavaleiro deve buscar, através das práticas da Igreja, o arrependimento, a confissão e a penitência de seus pecados. Como declara Le Goff, sobre uma das concepções do homem medieval que é ser:

[...] homem penitente. Mesmo que não seja monge – o penitente por excelência -, mesmo que não seja atormentado pela ideia de que o trabalho é uma penitência, o homem da Idade Média, condicionado pela concepção do pecado que lhe foi inculcada, procura na penitência o meio de assegurar a sua salvação.⁷³

Deste modo, através da penitência, todo cristão pode participar de um elemento vinculado à vida monástica, assumindo, mesmo que seja um guerreiro, uma submissão a Jesus Cristo e à Igreja. A respeito disto, Jean Flori corrobora:

[...] o ideal proposto a todos os cristãos continua sendo a vida monástica pura e sem mácula; mas os leigos e sobretudo os guerreiros podem, todavia, esperar escapar das chamas do inferno pela conversão ao monasticismo (conhecemos muitas feitas à beira da morte) ou por penitências adequadas.⁷⁴

Esse ideal de vida monástica sem pecados e/ou a expiação deles com penitências é buscado e vivido por Persival, Boorz e Galaaz (ainda que não necessitassem das penitências) do início ao fim da narrativa. Consideremos o fragmento de *A Demanda* que menciona os doze cavaleiros que alcançam o Graal, e certamente os três mais dignos cavaleiros, identificados como puros e piedosos:

- Cavaleiros cheios de fé e de crença, escolhidos sobre todos os outros cavaleiros pecadores, entrai na câmara do santo Vaso e tereis abundância do manjar que demandastes e tanto desejastes.
Estando assim em sua oração, viram sobre a mesa de prata, um homem vestido de branco, mas sem falha, o rosto não lhe podiam ver, porque era de tão forte claridade que olhos mortais não o podiam ver, antes se envergonhavam de que os olhos mortais não pudessem ver maravilha celestial.⁷⁵

Os cavaleiros dignos alcançaram o Graal e encontraram Jesus Cristo: o homem vestido de branco que emanava uma forte claridade celestial. E para alcançarem a eternidade, os cavaleiros e os cristãos medievais tinham de seguir o ideal de vida monástica proposto pela

⁷² LE GOFF, Jacques. *O Deus da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.88.

⁷³ LE GOFF, Jacques. *O Homem Medieval*. p.13.

⁷⁴ FLORI, Jean, *op. cit.*, p.133.

⁷⁵ A DEMANDA DO SANTO GRAAL, *op. cit.*, p.447.

Igreja e submeterem-se às suas penitências. Os cavaleiros cristãos medievais somente podem encontrar Jesus Cristo através da Igreja e adotando uma ética cristã imposta por ela.⁷⁶ A *Demanda do Santo Graal* expressa essa ética cristã cavaleiresca do século XIII.

REFERÊNCIAS

- A DEMANDA DO SANTO GRAAL: manuscrito do século XIII. Texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1988. 538 p.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. Edição Pastoral.
- BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70 LDA, 2009. 609 p
- BOGDANOW, Fanni. *The Romance of the Grail*. New York: Manchester University Press, 1966. 300 p.
- CARDINI, Franco. *O Guerreiro e o cavaleiro*. In: LE GOFF, Jacques. *O Homem Medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989. 258 p.
- DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. 383 p.
- _____. *Guilherme Marechal, ou, o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987. 211 p.
- FLORI, Jean. *A Cavalaria: A origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005. 191 p.
- GONZÁLEZ, Justo L. *Uma História do Pensamento Cristão: de Agostinho às vésperas da Reforma*. vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2015. 333 p.
- LAPA, M. Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa - Época Medieval*. 10ª ed., rev. Coimbra: Coimbra Editora, Limitada, 1981.
- LEGOFF, Jacques. *As Raízes Medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2007. 383 p.
- _____. *A Civilização do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: Edusc, 2005. 399 p.
- _____. *O Deus da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 127 p.
- _____. *O Homem Medieval*. Lisboa: Editorial Presença, 1989. 258 p.
- MEGALE, Heitor. Introdução. In: A DEMANDA DO SANTO GRAAL: manuscrito do século XIII. Texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T. A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- MOISÉS, Massaud. À margem da “Demanda do Santo Graal”. *Revista de História*, São Paulo, nº 21, 1955, p. 319-322
- SILVA, Ademir Luiz. O ideal cavaleiresco de São Bernardo em A Demanda do Santo Graal. *Mirabilia*, Vol. 13, Jun.-Dez. 2011, p.27-57.
- SOUZA, Neila Matias de. *Modelando a cavalaria: uma análise da Demanda do Santo Graal (Século XIII)*. 2011. 201f. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- TILLICH, Paul. *História do Pensamento Cristão*. 2. ed. São Paulo: ASTE, 2000. 293 p.
- TODOROV, Tzvetan. *As Estruturas Narrativas*. São Paulo: Perspectiva, 2006. 207 p.
- VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental*. séculos VIII a XIII. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. 204 p.

⁷⁶ FLORI, Jean, *op. cit.*, p.188.

